

Qual é a Ponte que nos une e dá Paz ao mundo?

Xeique Muhammad Valsan

Diretor da revista "Sacred Science" (Ciência Sagrada)

Tendo em vista o tema do dia, que trata da paz e dos meios para implementá-la através da comunicação, vou começar por cumprimentá-los com duas expressões que, por uma feliz coincidência, rimam entre si: *Es-Salâmu 'alaykum* e *Pax vobiscum* (Salamaleque e a Paz esteja convosco). Esta saudação normalmente constitui um compromisso de paz e a garantia de total segurança contra qualquer forma de agressão possível. Também apresenta a vantagem de contribuir para a felicidade daqueles que a emitem, bem como aos que a respondem, pois foi dito: Bem-aventurados os "pacificadores" (*makarioi oi éirénoipoi*): porque serão chamados filhos de Deus. (Mateus 5,9). Não posso deixar de lembrar, a este respeito, que a própria palavra Islã vem da raiz *salama*, que expressa a idéia de "paz" que ouvimos em salamaleque. Pode-se pregar proveitosamente de duas maneiras: com um bom discurso e através do exemplo. Para ilustrar isso, vou resumir brevemente o motivo de eu me sentir honrado de estar entre vocês hoje. Com base em uma *Tariqa* - ou seja, uma Fraternidade - fundada no século 13 pelo xeique Abu I-Hasan ash-Shadili, a comunidade sufi que administrei desde 1990, foi criada por meu pai em Paris em 1951. À medida que a comunidade se ampliou, especialmente devido ao nascimento de crianças, logo passou a precisar de um local maior e de um ambiente mais saudável. Minha condição de apicultor profissional me permitiu adquirir, em 1994, uma propriedade no campo, ao sul da cidade de Dijon, capital da Borgonha, conhecida mundialmente pela sua mostarda e seus bons vinhos.

O lugar, que deveria permitir que eu desenvolvesse minha atividade profissional, possuía muitas edificações, a maioria delas antigas, que precisavam ser reformadas para criar moradias e um local de culto, chamado *zawiya*. Eu descobri, na assinatura do contrato de compra, que esse lugar era histórico. Era o lugar onde Robert de Molesme (1029-1111) havia fundado a grande Ordem monástica dos Cistercienses em 1098. Eu me via então num lugar que antes era insalubre, pantanoso e matagoso, e que os primeiros monges limpavam e tornaram acolhedor para fundar sua abadia, seu "oratório", tanto quanto "laboratório", de acordo com o lema beneditino *orare et laborare* (reza e trabalha). O poço original do padre fundador ainda está lá. Como naquela época o lugar estava coberto de juncos, o novo mosteiro ganhou o nome de

Abadia de Cister (*cister* designava o junco). Dois anos depois de chegarem, os monges transferiram seu centro geral de atividade para dois quilômetros ao sul, para se beneficiarem das abundantes águas de um rio, e atribuíram ao local original, cuja argila era rica em ferro, o trabalho de forja e azulejaria: até hoje o lugar é chamado de *La Forgeotte*. Pouco tempo depois, enquanto os poucos monges envelhecidos e alquebrados indicavam que a nova Ordem estava condenada a desaparecer e que havia sido apenas um retorno fortuito à estrita observância da Regra Monástica de São Bento, um salvador providencial apareceu. Com cerca de trinta companheiros, aquele que mais tarde seria chamado de São Bernardo deu o impulso necessário e decisivo para garantir a sobrevivência e, depois, a expansão da Ordem Cisterciense. Esta logo estendeu-se pela Europa e, em algumas décadas, contava com centenas de mosteiros, chegando a mais de 1500 em 1250.

Nossa chegada, em julho de 1994, que afetou rapidamente mais de 150 pessoas, não pôde passar despercebida. Não estávamos mais no contexto do anonimato das cidades, e logo alguns nativos pensaram que éramos sarracenos que retornavam. Felizmente, os monges eram os nossos vizinhos mais próximos e, como as relações de boa vizinhança eram de grande importância no Islã, essa era uma das nossas principais preocupações. Então eu fui, com um grupo de irmãos, bater à porta da abadia para estabelecer o melhor relacionamento possível. Usando nossas vestes de lã, fomos recebidos pelo Abade Dom Olivier, que estava no primeiro ano de seu cargo abacial. Assim ficamos conhecendo os monges, que estavam em seu costumeiro traje branco. O momento era solene, e foi então que eu pedi a proteção do abade para a nossa comunidade, evocando o precedente profético a esse respeito. Deve-se lembrar que a função apostólica do Profeta Maomé foi testemunhada pela primeira vez por monges cristãos. Em duas ocasiões, e bem antes de sua missão, o jovem coraixita Maomé foi reconhecido como o esperado futuro profeta dos árabes. Durante uma viagem à Síria, ele foi identificado como tal quando tinha apenas 12 anos de idade. Foi um monge chamado Bahira, versado nos escritos sagrados e familiarizado com certas profecias, que o viu durante uma parada em frente ao seu convento e, depois de fazer-lhe perguntas e verificar certas características físicas suas, ficou convencido de seu futuro apostolado. Essa conclusão foi confirmada quinze anos depois, durante uma segunda viagem ao mesmo lugar, pelo monge Nestor, provavelmente um sucessor de Bahira. Posteriormente, com o advento da nova religião, foi o primo de sua esposa, Waraqa ibn Nawfal, que abraçou o cristianismo, a testemunhar a autenticidade do papel para o qual fora eleito. Logo depois, ao enfrentar as perseguições que se multiplicavam, um primeiro grupo de muçulmanos foi forçado a emigrar de Meca e encontrou refúgio na Abissínia (Império Etíope) com o negus (o monarca). De fé

cristã, este assegurou-lhes sua proteção real. Pode-se avaliar, a partir deste simples resumo, o que os muçulmanos devem aos cristãos da época!

Aceitando meu pedido, o abade de Cister, cuja benevolência para conosco nunca cessou, concordou generosamente em zelar pela proteção de nossa pequena comunidade. Assim selou-se uma amizade, que foi se fortalecendo ainda mais ao longo do tempo. Reuniões para compartilhar nossas experiências sobre nossas respectivas vidas comunitárias e espirituais foram organizadas e tornaram-se regulares. Uma vez por mês, começamos a intercambiar pontos de vista sobre os dados de nossos textos sagrados, nossos ritos, etc. Então a questão de uma oração comum logo surgiu.

Como não se tratava de nos sujeitarmos a nenhuma forma de sincretismo, concordamos em fazer juntos uma "oração do coração", cuja natureza silenciosa permitia evitar qualquer problema de compatibilidade. Posteriormente, tendo-se manifestado o desejo de uma invocação em comum, foi necessário encontrar um texto adequado para ela. Foi escolhida uma oração magnífica de Gregório de Nazianzo (329-390), que era perfeitamente apropriada. Dirigido ao Deus único e supremo, o louvor começa com esta invocação: *Ó Vós, que estais acima de todos, de que outro modo podemos chamar-Vos corretamente?* E continua dizendo: *Todas as coisas, tanto as que falam como as que não falam, Vos exaltam... É para Vós a oração de todos... Ó Nominadíssimo, como então devo dirigir-me a Vós?* Outras iniciativas também foram tomadas, como o ritual de lavar as mãos e os pés para celebrar os rituais abraâmicos do Carvalho de Mambré (Gênesis 18, 1-10) e a boa recepção a Jesus na figura de um estrangeiro (ver Mateus 25,35). Com esta última referência e sua menção na íntegra também faz coro um hadice sagrado (*hadith qudsi*), segundo o qual, no Dia da Ressurreição, Deus faz essa censura ao homem: "Eu estava doente e não me visitaste". O homem perguntará: "Ó Senhor, como eu Vos visitaria, se sois o Senhor dos mundos?" Ele responderá: "Não sabias que um dos Meus servos estava doente? Mas não o visitaste. E não sabias que, se o tivesses visitado, Me terias encontrado perto dele?"

Se a feliz aproximação entre as nossas comunidades se beneficiou de um espaço abençoado, deve-se dizer que a época também foi, desde o início, particularmente auspiciosa. Em 20 de agosto de 1994, a nova sede burgúndia da *Tariqa* foi inaugurada, no dia de São Bernando. Acontece que essa data marcou um momento de convergência bastante excepcional. Naquele ano, no dia 20 de agosto, o calendário solar correspondia ao *Mawlid an-Nabi*, ou seja, o aniversário de nascimento do Profeta, no dia 12 do mês de *Rabi al-Awwal* do calendário lunar. A probabilidade de tal coincidência é baixa, uma vez que o ano é de 365 dias e um quarto, de

acordo com o primeiro cálculo, e 354 dias e um terço, de acordo com o segundo, o que resulta em um atraso de aproximadamente 11 dias entre os dois ciclos anuais, e de um ano aproximadamente a cada 33 anos. O que agregou valor a essa convergência surpreendente e rara é que ela parece ter ocorrido precisamente no nascimento do Profeta, se nos embasamos nos dados de Martin Lings, autor de uma biografia do Profeta (cf. *Le Prophète Muhammad*, Capítulo 7, p.33, Paris, 1977).

Para que exista esse tipo de harmonia, de forma que a paz resultante possa durar, é necessário, acima de tudo, que os atores sejam pessoas animadas predominantemente pela reta intenção e boa vontade, tendo em vista o interesse de Deus em seu trabalho. Para nos convenceremos disso, basta lembrar o louvor relatado por São Lucas (2,14) e baseado na Vulgata inaugurada por São Jerônimo: *Gloria in altissimis Deo et in terra pax in hominibus bonae voluntatis* (Glória a Deus nas alturas e paz na terra aos homens de boa vontade).

É óbvio que esta palestra é muito breve para responder corretamente à pergunta: Como superar nossas divisões e trazer a paz ao mundo? Sem dúvida, suscita mais perguntas do que responde. Espero, no entanto, que seja vista como uma primeira contribuição para a implementação, mais necessária do que nunca, de reuniões construtivas para a paz.